



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Tamayo, Álvaro; Lima, Adilce; Marques, Juliana; Martins, Larissa
Prioridades Axiológicas e Uso de Preservativo
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 14, núm. 1, 2001, pp. 167-175
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18814114>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Prioridades Axiológicas e Uso de Preservativo

Alvaro Tamayo¹

Adilce Lima

Juliana Marques

Larissa Martins

Universidade de Brasília

Resumo

O Inventário de Valores de Schwartz foi administrado a 300 estudantes universitários com o objetivo de estudar as prioridades axiológicas e a freqüência de uso de preservativo no seu relacionamento sexual. Os dez motivos de valores foram correlacionados com a variável dependente. A curva representando a relação entre as prioridades axiológicas e o uso de preservativo foi sinusóide mas não simétrica. Hedonismo, autodeterminação e estimulação correlacionaram-se positivamente com o uso de preservativo enquanto que tradição e conformidade correlacionaram-se negativamente. A correlação com universalismo e benevolência foi próxima de zero. Os resultados da regressão múltipla confirmaram que hedonismo, autodeterminação e estimulação são os preditores axiológicos mais fortes do uso de preservativo pelos estudantes.

Palavras-chave: Valores; preservativo; AIDS; Inventário de Valores de Schwartz.

Value Priorities and the Use of Condom

Abstract

The Schwartz Value Inventory was applied to 300 university students in order to study the relationship between value priorities and the frequency with which they use the condom in their sexual relations. The ten motivation values correlated with the dependent variable. The curve relating value priorities with the use of preservative was non-symmetrical. Hedonism, self-determination and stimulation correlated positively with condom use while tradition and conformity correlated negatively. The correlation with universalism and benevolence was near zero. The results of multiple regression confirmed that hedonism, self-determination and stimulation are the strongest predictors of the university students' condom use.

Keywords: Values; condom; AIDS; Schwartz Values Inventory.

A preocupação crescente com o avance da AIDS no mundo e, particularmente, nos países em desenvolvimento, tem dado origem a numerosos estudos visando identificar fatores preditivos da adoção de comportamentos preventivos. Segundo Bayés (1992), os comportamentos preventivos são: castidade absoluta, relações sexuais exclusivamente monogâmicas com parceiro fiel e não contaminado, práticas sexuais sem penetração e relações sexuais com penetração mas sempre com preservativo. Por motivos evidentes as campanhas de

com uma amostra de estudantes universitários dos Estados Unidos, que 64% das mulheres já haviam praticado sexo vaginal sem proteção e 6% sexo oral sem proteção e 6% se consideravam virgens. No Brasil, Arruda, Morris e Gómez (1990) realizaram uma pesquisa com amostra de 1.000 adolescentes que o preservativo é muito pouco usado. De acordo com os resultados da pesquisa, as mulheres em idade fértil entrevistadas, somente 1,1% das adolescentes pesquisadas faziam uso regular do preservativo.

informação e prática preventiva abrange múltiplas variáveis de natureza variada e em estreita interação (Gimenes e colaboradores, 1996). Vários pesquisadores têm mostrado que o uso de preservativo é um comportamento bastante complexo que implica em variáveis pessoais, interpessoais e situacionais (Helweg-Larsen & Collins, 1994). Como afirmam Bryan, Aiken e West (1999, p.285): “Enquanto cientistas do comportamento, precisamos compreender o que estamos pedindo às pessoas para fazer antes que possamos esperar compreender porque elas seguem e, mais importante ainda, porque não seguem nossas recomendações”. É de capital importância, portanto, estudar os múltiplos determinantes do uso de preservativo no relacionamento sexual que, no caso da AIDS, constitui o comportamento preventivo por excelência. Como afirma Shayer (1994, p.14), “ainda se sabe muito pouco acerca dos fatores psicossociais que podem predizer os comportamentos preventivos relacionados à AIDS em geral e ao uso de preservativos, em particular”.

Várias pesquisas têm mostrado a existência de crenças e atitudes negativas em relação ao uso de preservativo, no sentido que ele quebra a harmonia e o ritmo do encontro sexual (Wilson, Manual & Lavelle, 1991) e afeta negativamente a disposição sexual (Campbell, Peplau & DeBro, 1992). Além disso, não pode ser negligenciada a preocupação da pessoa em relação à reação do parceiro diante da sugestão do uso de camisinha e os possíveis efeitos desta proposta sobre o andamento do encontro sexual. Pesquisas empíricas mostram que estas variáveis têm grande impacto sobre a decisão do uso de preservativo, possivelmente a sua influência é maior do que a de variáveis psicológicas, como as atitudes diante do uso de preservativo e a própria suscetibilidade percebida de contrair a doença (Helweg-Larsen & Collins, 1994; Walter, Vaughn, Ragin, Cohall & Kasen, 1994).

Uma barreira para o uso de preservativo surge na própria percepção que as pessoas têm deste dispositivo. Pode-se dizer que é a “barreira da ignorância”. Pessoas que não sabem ou não entendem o que é um preservativo, ou que acham que é algo desrespeitoso ou vergonhoso usá-lo, tendem a não usá-lo. Pessoas que acham que o uso de preservativo é uma forma de controlar o parceiro, ou que acham que é uma forma de controlar a sexualidade, também tendem a não usá-lo.

Observaram que as mulheres que, no contexto sexual, fornecem o preservativo são, muitas vezes, menos simpáticas e atraentes do que aquelas que não fornecem o preservativo. Correlatos intrapsicológicos com o uso de preservativo, tais como atitudes diante do uso de preservativo, crenças sobre a sua eficiência, têm sido estudados por vários pesquisadores (Bryan, Aiken & West, 1999; Bryan, Aiken & Wan, 1993).

Valdisserri e colaboradores (1989) realizaram uma retrospectiva com uma amostra de sujeitos heterossexuais e bissexuais, encontraram como antecedente do uso de preservativo no sexo anal, o tipo de parceiro (monogâmico e não anônimo versus anônimo), o grau de aceitabilidade do uso de álcool e/ou de drogas, e o tipo de comportamento foi também considerado como antecedente do uso de preservativo. Os resultados obtidos na pesquisa realizada por Krasner e Brasfield (1991). Além disso, os autores encontraram também como preditores do uso de preservativo o número de parceiros sexuais e a prática de sexo anal desprotegido.

Emmons, Joseph, Kressler, Montgomery e Krasner (1986) estudaram o valor preditivo de variáveis psicológicas, tais como conhecimento, percepção de vulnerabilidade e crenças quanto à eficácia do sistema de saúde. O uso de preservativo foi considerado como variável preditora de uso de preservativo. O valor preditivo do uso de preservativo para a prevenção da doença foi confirmado por Thurman e Krasner (1991). Os resultados da pesquisa de Roscoe et al. (1991) contestam, porém, a importância do conhecimento quanto à doença como determinante do uso de preservativo. Os resultados revelaram que, apesar de 60% das pessoas terem informações sobre a doença, apenas 6,5% e 10% dos homens usavam preservativo para a prevenção da AIDS. Mais uma variável psicológica, a percepção de vulnerabilidade, também é preditora do uso de preservativo. Pessoas que percebem que estão mais suscetíveis à AIDS tendem a usar mais preservativos (Krasner, 1991).

Das sete variáveis estudadas, a disponibilidade de preservativo na hora da relação sexual foi o preditor mais importante. Esta variável sozinha explicou mais de 26% da variância. O valor preditivo das outras seis variáveis foi insignificante. Destas, a mais importante foi o grau de informação sobre a saúde e o comportamento sexual de novo parceiro, que explicou 2% da variância.

Embora as pesquisas acima discutidas não sejam metodologicamente homogêneas e as amostras tenham sido extraídas de contextos culturais diferentes, os seus resultados apontam para a complexidade do comportamento estudado, influenciado por múltiplas variáveis. Os resultados das pesquisas realizadas na área revelam como principais preditores do uso de preservativo nas relações sexuais a aceitabilidade do mesmo, o medo de contaminação, o uso de álcool e/ou drogas, o número de parceiros, o medo personalizado de contaminação, a informação sobre a saúde e o comportamento sexual de um novo parceiro e, particularmente, a disponibilidade de preservativo no momento do relacionamento sexual. As conclusões das investigações apontam para a necessidade urgente de ampliar a pesquisa nesta área. Shayer (1994) finaliza a sua investigação, afirmando que “é preciso ampliar, não só a natureza das variáveis estudadas, como também, diversificar os tipos de metodologia a serem utilizados” (p. 88).

Nesta pesquisa estudou-se a relação entre as prioridades axiológicas da pessoa e a freqüência de uso de preservativo nas relações sexuais. Os autores não têm informação de nenhuma pesquisa empírica publicada em torno a esta problemática. O uso de preservativo no relacionamento sexual não é um comportamento que acontece num vácuo social e cultural mas num contexto interpessoal carregado de valores, de crenças, de incertezas e de expectativas. As prioridades axiológicas expressam concepções geralmente compartilhadas de aquilo que é bom para o indivíduo e para a sociedade. Quando elas são fácticas, a pessoa é mais propensa

a atração percebida de alternativas ao indivíduo, bem como a probabilidade sujeito (Feather, 1995), e consumidores (Kahle, 1996) e Theno & Crandall, 1996). As pessoas influenciam diretamente o uso de preservativo no relacionamento sexual, problema estudado na presente

Como afirma Rokeach (1973), o conhecimento dos valores deve permitir prever como ela se comportará em situações experimentais e da realidade. O valor preditivo dos valores e, particularmente, a sua relação funcional com os outros valores e as atitudes tem constituído um desafio permanente. Os valores podem ser considerados preditivos do comportamento? Mais especificamente, podem ser considerados como preditores de comportamentos concretos, tais como o uso de preservativo, as consequências do uso do preservativo, a obtenção de objetivos materiais ou as prioridades axiológicas do indivíduo?

Um sistema de valores, segundo Rokeach (1973, p. 551) é “nada mais do que uma classificação ordenada de valores, uma classificação ordenada de um contínuo de importâncias hierárquica de valores pressupostos que o indivíduo relaciona com o mundo fático”. O observador que assiste a um indivíduo que é observador que participa, que toma parte no mundo fático. Os valores implicam necessariamente uma distinção entre o que é primário e o que é secundário, entre o que é fundamental e o que é secundário, entre o que é essencial e o que é secundário. Assim, na essência mesma de um sistema de valores, está presente a sua relação com o mundo fático. De vista teórico, não existem determinantes dos valores sociais. Segundo Rokeach (1973), os sistemas de valores são construídos

um questionário (Shotland & Berger, 1970), escolha de uma determinada área de estudos (Feather, 1970) e identificação com o estilo de vida hippie (Rokeach, 1973). Todas estas pesquisas têm em comum o estudo do impacto de um ou mais valores sobre o comportamento. Desta forma, os valores a serem relacionados com um comportamento determinado eram escolhidos pelo pesquisador através de observações ou de simples intuição, sem uma abordagem global ou de tipo fatorial. Em outras pesquisas a abordagem era ainda mais exploratória. Listas de valores eram relacionadas com outras variáveis e depois eram verificadas e discutidas as correlações significativas que surgiam, por exemplo, com a qualidade de ensino (Greenstein, 1976), com a raça e nacionalidade (Rokeach, 1973). Os paradigmas de pesquisa utilizados eram consequência da própria teoria dos valores dominante na época, que não apresentava uma organização estrutural dos valores. Rokeach (1973) dividia os valores em terminais e instrumentais. Os primeiros referiam-se a estados de existência desejáveis e, os segundos a comportamentos desejáveis. Os valores terminais subdividiam-se em pessoais e sociais e os instrumentais em morais e de competência. Esta classificação, porém, era meramente teórica e não oferecia alternativas práticas para o estudo do impacto dos valores sobre o comportamento. Além disso, a própria medida

o comportamento parece ser orientado para uma prioridade dada a um único valor, mas também a diversos valores (Rokeach, 1973).

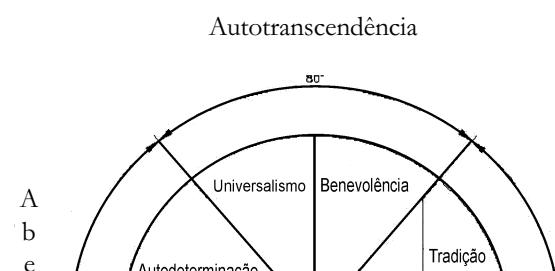
No final da década de 80 Schwartz e al. (1983) lançaram as bases de uma teoria estruturalizada que foi posteriormente desenvolvida e aplicada à pesquisa intercultural. Segundo Schwartz (1992), os valores expressam as metas motivacionais de uma cultura. “O conteúdo fundamental que diferencia as culturas é o tipo de meta motivacional ou de valor que elas promovem” (Schwartz, 1996). Assim, o estudo dos tipos motivacionais de valores (Schwartz, 1992; Tamayo, 1993; Schwartz, 1993). Dez tipos motivacionais de valores foram deduzidos a partir das exigências de sobrevivência humana, a saber, 1) necessidades biológicas, 2) necessidades sociais relativas à regulamentação interpessoais e 3) necessidades sócio-culturais referentes à sobrevivência e bem-estar.

Dez tipos motivacionais de valores foram deduzidos teoricamente e, posteriormente, empíricamente em diversas culturas. Cada tipo expressa uma tendência motivacional ou de consequência, constituído por valores e interesses comuns ou altamente similares. Os TMV são apresentados e definidos a seguir:

Tabela 1. Tipos Motivacionais de Valores

Tipos	Metas	Servem
Hedonismo	Prazer e gratificação sensual para si mesmo	Individuais
Realização	O sucesso pessoal obtido através de uma demonstração de competência	Individuais
Poder social	Controle sobre pessoas e recursos, prestígio	Individuais
Autodeterminação	Independência de pensamento, ação e opção	Individuais
Estimulação	Excitação, novidade, mudança, desafio	Individuais
Conformidade	Controle de impulsos e ações que podem violar normas sociais ou prejudicar os outros	Coletivas
Tradição	Respeito e aceitação dos ideais e costumes da sociedade	Coletivas

eles expressam as relações empíricas entre os valores, determinadas a partir das correlações entre os seus graus de importância, de acordo com as respostas dos sujeitos. A Figura 1 ilustra a relação dinâmica entre os tipos motivacionais de valores. Os cinco tipos de valores que expressam interesses individuais (autodeterminação, estimulação, hedonismo, realização e poder social) ocupam, no espaço multidimensional, uma área contígua que é oposta àquela reservada aos três conjuntos de valores que expressam primariamente interesses coletivos (benevolência, tradição e conformidade). Os tipos motivacionais segurança e universalismo, constituídos por valores que expressam interesses tanto individuais como coletivos, são opostos e situam-se nas fronteiras destas duas áreas (Tamayo & Schwartz, 1993). Schwartz e Bilsky (1987, 1990) postulam compatibilidade entre os tipos de valores que são adjacentes no espaço multidimensional (por exemplo, estimulação e hedonismo, tradição e conformidade) e conflito entre os tipos de valores situados em direções opostas (exemplo: estimulação e conformidade, hedonismo e tradição). A busca simultânea de valores pertencentes a áreas adjacentes é compatível porque esse tipo de valores está ao serviço de um mesmo interesse. Desta forma, “as ações tomadas no perseguição de um tipo de valores têm consequências psicológicas, práticas e sociais que podem ser conflituosas ou compatíveis com a perseguição de outro tipo de valores” (Sagiv & Schwartz, 1995, p. 438).



A relação estrutural básica entre os tipos motivacionais por elas sintetizada através de duas dimensões verificadas empiricamente, tanto Tamayo & Schwartz, 1993 como 1992, 1994). A primeira, “autotranscendência”, ordena os valores da pessoa a seguir os seus próprios interesses e afetivos através de caminhos de oposição à tendência a preservar o que ele gera no relacionamento com instituições. Esta dimensão expõe as tendências das pessoas a pensar, a pensar e a ação que valorizam em oposição à aceitação e ao *status quo*. Teoricamente, situa-se no eixo, os valores relativos a “estimulação” e “autodeterminação”, diferentes aos tipos “segurança”, “universalismo” e “benevolência”. A segunda dimensão, “autocomunicação”, apresenta, num eixo relativos aos tipos motivacionais “hedonismo” e, no outro, os tipos “benevolência” e “tradição”. Este eixo ordena a motivação da pessoa para priorizar os interesses mesmo às custas de transcender as suas preocupações com o bem-estar dos outros e da natureza.

No contexto desta nova perspectiva, é de grande sentido estudar o impacto que os valores têm no comportamento. Uma característica importante do modelo acima apresentado é a possibilidade de priorizar as diferentes dimensões de valores, permitindo o estudo da relação entre os valores e o comportamento de forma integrada. A relação entre os valores e o comportamento tende a ser mais forte quando os valores são de tipos motivacionais adjacentes, como a autodeterminação e a estimulação, ou a benevolência e a tradição.

Método

Amostra

A amostra foi composta por 310 estudantes da Universidade de Brasília, dos dois sexos, com idade média de 23,22 anos ($dp = 5,02$) e sendo a maioria (88%) solteiros e de religião católica. Todos os sujeitos investigados tinham vida sexual ativa, mas não necessariamente regular.

Instrumento

O questionário para a pesquisa compreendia três partes: 1) o Inventário de Valores de Schwartz (Tamayo & Schwartz, 1993; 2) a avaliação da freqüência pessoal de uso de camisinha no relacionamento sexual, avaliada através de cinco alternativas: nunca, menos da metade das vezes, metade das vezes, mais da metade das vezes e todas as vezes (Shayer, 1994). Além disso, quatro itens, seguidos de uma escala de cinco pontos, relativos à opinião dos sujeitos sobre o uso de preservativo no relacionamento sexual (“*o preservativo diminui a sensação sexual*”, “*falar para o(a) parceiro(a) que você quer usar preservativo, demonstra falta de confiança nele(a)*”, “*as pessoas que prezam a sua saúde devem usar preservativo com regularidade*”, “*os preservativos custam caro*”; e, 3) uma série de perguntas relativas a dados pessoais, tais como idade, gênero e religião.

Procedimento

O questionário para a pesquisa foi aplicado individualmente, na própria universidade, em locais apropriados para esta atividade, tais como sala de aula ou de reuniões, biblioteca, e laboratórios.

Análise dos Dados

Foram calculadas correlações bivariadas entre cada um dos TMV e a freqüência de uso de preservativo, de acordo com a teoria que postula uma curva sinusóide

para a relação entre as prioridades axiológicas e o comportamento (Schwartz, 1996). A análise de regressão múltipla *stepwise* (entrada $<0,01$) e F (saída) como variável critério a freqüência de uso de álcool e como preditores os quatro fatores da escala (abertura à mudança, conservação, autorreferencialidade e autopromoção) foi utilizada para verificar se a percepção do condão (fator conservativo) era preditiva dos valores sobre o comportamento sexual conservativo no relacionamento sexual. Ajustando-se os resultados ao cálculo da regressão múltipla foi verificado que os resultados atendiam os diversos critérios apresentados por Tabachnick e Fidell (1989) para análises multivariadas. Devido à seqüência desta análise, foram eliminados os casos que não atenderam ao critério de inclusão, como os casos nos quais algum item da escala de resposta era nulo ou ausente. Desta forma, a amostra para a análise de regressão múltipla foi de 244. Obviamente foi também realizada uma amostra assim reduzida que atendia adequadamente aos critérios para garantir a consistência dos resultados. Segundo Tabachnick e Fidell (1989), para a realização de uma análise de regressão múltipla *stepwise* a relação entre o critério e os preditores deve ser de, no mínimo, 0,10 para cada VI. Na presente pesquisa esta relação é de 0,11.

Resultados

O uso de preservativo relacionou-se com as crenças “os preservativos diminuem o risco sexual” (-0,22; $p < 0,01$) e propor ao parceiro de camisinha “demonstra falta de confiança” ($p < 0,01$) e positivamente com a opinião de que a sua saúde deve usar camisinha regularmente (0,05). As correlações bivariadas entre os valores motivacionais de valores e a freqüência de uso de preservativo encontram-se na Tabela 1. A estimulação, autodeterminação e realização se relacionaram-se positivamente com o uso de preservativo.

Tabela 2. Correlações Bivariadas entre os TMV e o Uso de Preservativo

tradição negativamente. Os outros TMV apresentaram correlações nulas ou muito baixas. A relação dos TMV com o uso de preservativo apresentou uma curva sinusoíde, mas não simétrica. Os resultados da análise de regressão múltipla mostraram que somente a abertura à mudança entrou no modelo como regressor, os outros três fatores foram excluídos. R^2 foi igual a 0,04 e β igual a 0,20 (Tabela 3).

Tabela 3. Resultados da Análise de Regressão Múltipla *Stepwise* para o Uso de Preservativo

Regressão múltipla ^b		Análise da variancia		
		<i>SQ</i>	<i>df</i>	<i>MQ</i>
R	0,199			
R^2	0,040	Regressão	16,916	1
R^2 ajustado	0,036	Resíduo	409,916	242
Erro padrão	1,300	Total	426,832	243

a. Preditor: Abertura à mudança

b. Variável dependente: Uso de preservativo

Discussão

Como explicar os resultados observados? Convém destacar que os TMV com correlações positivas e negativas em relação ao uso de preservativo situam-se na dimensão *abertura à mudança versus conservação*. O TMV conformidade, segurança e tradição constituem o pólo da conservação. Os valores que formam o TMV tradição têm como meta a aceitação e o comprometimento com os costumes e as idéias da cultura tradicional e da religião. Como foi discutido na introdução, o uso de preservativo não é um comportamento que faz parte das tradições culturais do país. Pelo contrário, ele é novidade e oposto aos costumes e formas de pensar tradicionais. Além disso, o uso de preservativo é objetivo de interdição da religião católica que é dominante no país. A correlação negativa do TMV tradição com o uso de preservativo pode-se explicar pelo fato deste comportamento ser alheio às tradições culturais do país.

Os tipos motivacionais hedonismo, autodeterminação e estimulação constituem os componentes do pólo de liberdade, que é o oposto ao pólo de conformidade.

excluídos. Apesar da força preditiva do TMV ($R = 0,20$, $R^2 = 0,04$), este resultado revela uma relação positiva entre a abertura à mudança e os valores de abertura à mudança ($\beta = 0,20$). O uso de preservativo é um comportamento complexo, dependendo de três fatores psicossociais, cada um com suas pequenas porcentagens de contribuição.

preservativo no encontro sexual é algo inesperado, não prescrito pelas normas sociais. As normas que regem este tipo de atividade e os valores que a sustentam são fruto de uma motivação ou interesse social que visa a manter o status quo e orientar as pessoas para um caminho novo que, por sua vez, é preciso e necessário. É precisamente, o sentido de liberdade que é representada pela abertura à mudança.

Numa cultura de tipo tradicionalista, influenciada pelas normas da religião católica, os resultados desta pesquisa podem ser interpretados para compreender e explicar o insucesso da campanha para o uso preventivo de preservativos. É preciso tentar analisar e entender o maior número de determinantes que contribuem para o uso preventivo de preservativos.

Uma limitação desta pesquisa é a generalização dos resultados, que foram obtidos por estudantes universitários de nível superior.

preditores ainda poderão ser identificados. A contribuição das prioridades axiológicas para a compreensão deste comportamento é modesta, mas ela pode ser valiosa na elaboração de programas preventivos.

Referências

- Arruda, J. M., Morris, L. & Rutenberg, N. (1987). Pesquisa nacional sobre saúde materno infantil e planejamento familiar. *BemFam, Agosto*, 107-109.
- Bayés, R. (1992). Aportaciones del análisis funcional de la conducta al problema del SIDA. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 24(1-2), 35-56.
- Biernat, M., Theno, S. A. & Crandall, C. S. (1996). Values and prejudice: Toward understanding the impact of american values on outgroup attitudes. Em C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Orgs.), *The Psychology of values: The Ontario Symposium* (Vol. 8, pp. 153-189). Mahwah, N. J.: Laurence Erlbaum Associates.
- Bryan, A. D., Aiken, L. S. & West, S. G. (1996). Increasing condom use: Evaluation of a theory-based intervention to prevent sexually transmitted diseases in young women. *Health Psychology*, 15, 371-382.
- Bryan, A. D., Aiken, L. S. & West, S. G. (1999). The impact of males proposing condom use on perceptions of an initial sexual encounter. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 25(3), 275-286.
- Campbell, S. M., Peplau, L. A. & DeBro, S. C. (1992). Women, men and condoms: Attitudes and experiences of heterosexual college students. *Psychology of Women Quarterly*, 16, 273-288.
- De Dreu, C. K. W. & Van Lange, P. A. M. (1995). The impact of social value orientations on negotiator cognition and behavior. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 21, 1178-1188.
- Emmons, C. A., Joseph, J. G., Kressler, R. C., Montgomery, S. B. & Ostrow, D. G. (1986). Psychological predictors of reported behavior change in homosexual men at risk for AIDS. *Health Education Quarterly*, 13(4), 331-345.
- Feather, N. T. (1970). Educational choice and students attitudes in relation to terminal and instrumental values. *Australian Journal of Psychology*, 22, 177-144.
- Feather, N. T. (1995). Values, valences, and choice: The influences of values on the perceived attractiveness and choice of alternatives. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(6), 1135-1151.
- Ferraz, E. A., Ferreira, I. Q., Rutenberg, N. & Soares, M. P. (1992). Pesquisa sobre saúde familiar no Nordeste do Brasil - 1991. *BemFam, Março*, 76-78.
- Fisher, J. D. & Misovich, S. J. (1990). Evolution of college students' AIDS-related behavioral responses, attitudes, knowledge and fear. *AIDS education and prevention*, 2(4), 322-337.
- Gimenes, M. d. G. G., Pedrazani, E., Basso, A. F. T., Pontes, A. C., Marque, C. d. R., De Souza, D. M. X., Maldonado, D. P. A., Bertuso, E. C., Da Silva, E. L., Consoni, E. B., Romão, D. d. C. & Banhos, E. (1996). A prevenção da AIDS entre estudantes universitários: A resposta da
- Kelly, J. A., Lawrence, J. S. & Brasfield, T. L. (1991). Ability to AIDS risk behavior relapse. *Journal of Psychology*, 59(1), 163-166.
- Rokeach, M. (1969). Value systems in religion. *Review of Religious Research*, 11, 3-23.
- Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.
- Roscoe, B. & Kruger, T. L. (1990). AIDS: Late adolescence and its influence on sexual behavior. *Adolescence*, 25(100), 23-38.
- Sagiv, L. & Schwartz, S. H. (1995). Value priorities and group social contact. *Journal of Personality and Social Psychology*, 68(4), 437-448.
- Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 63(4), 608-625.
- Zanna (Org.), *Advances in Experimental Social Psychology*, 25(1-2), 1-65. Orlando: Academic.
- Schwartz, S. H. (1994). Are there universal aspects of the contents of human values? *Journal of Social Issues*, 50(4), 47-67.
- Schwartz, S. H. (1996). Value priorities and behavior: An integrated value systems. Em C. Seligman, J. M. Olson & M. P. Zanna (Orgs.), *The Psychology of Values: The Ontario Symposium* (Vol. 8, pp. 153-189). Mahwah, N. J.: Laurence Erlbaum Associates.
- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1987). Toward a universal structure of human values. *Journal of Personality and Social Psychology*, 53(3), 550-562.
- Schwartz, S. H. & Bilsky, W. (1990). Toward a universal structure and content of values: Extensions and cross-cultural comparisons. *Journal of Personality and Social Psychology*, 58(5), 850-860.
- Schwartz, S. H. & Huismans, S. (1995). Value priorities across four Western religions. *Social Psychology Quarterly*, 58(5), 850-860.
- Shayer, B. P. M. (1994). *Fatores psicosociais preditivos de judegamento em resposta à epidemia da AIDS*. Dissertação de mestrado, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Shotland, R. L. & Berger, W. G. (1970). Behavioral variables from the Rokeach value scale as an index of social change. *Applied Psychology*, 54, 433-435.
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (1989). *Using multivariate statistics*. New York: HarperCollins.
- Tamayo, A. (1994). Hierarquia de valores transculturais. *Teoria e Pesquisa*, 10(2), 269-285.
- Tamayo, A. & Schwartz, S. H. (1993). Estrutura e conteúdo de valores humanos. *Psicología: Teoria e Pesquisa*, 9(2), 329-342.
- Thurman, Q. C. & Franklin, K. M. (1990). AIDS and the gay community: Knowledge, treat and prevention at a Northeastern college. *American College Health*, 38, 179-184.
- Ubilllos, S., Páez, D. & González, J. L. (2000). Cultura y sexualidad. *Psychothema*, 12, 70-82.
- Valdisserri, R. O., Lyter, D., Leviton, L. C., Callahan, C. & Rinaldo, C. R. (1988). Variables influencing condom use among gay and bisexual men. *American Journal of Public Health*, 78(10), 1411-1416.

Sobre os autores:

Alvaro Tamayo é professor titular do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de Brasília. Foi professor da Université de Moncton (Canadá). Doutor em Psicologia Social pela Université de Louvain (Bélgica).

Adilce Lima é assistente social formada pela Universidade de Brasília.

Julina Marques é assistente social formada pela Universidade de Brasília.

Larissa Martins é assistente social formada pela Universidade de Brasília.